



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

FACH
Faculdade de Ciências
Humanas

Curso de
História - Bacharelado

NADIELLY APARECIDA SOUZA RAMOS

**ETNICIDADE EM DINÂMICA: OS TERENA E A RECONSTRUÇÃO
IDENTITÁRIA EM CONTEXTOS URBANOS DE CAMPO GRANDE – MS**
(Versão Corrigida)

CAMPO GRANDE-MS 2025



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

FACH

Faculdade de Ciências
Humanas

Curso de

História - Bacharelado

NADIELLY APARECIDA SOUZA RAMOS

**ETNICIDADE EM DINÂMICA: OS TERENA E A RECONSTRUÇÃO
IDENTITÁRIA EM CONTEXTOS URBANOS DE CAMPO GRANDE - MS**

Projeto apresentado ao Curso de História da Instituição Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul
Orientador: Prof. Dr. Victor Ferri Mauro

**CAMPO GRANDE - MS
2025**



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

FACH
Faculdade de Ciências
Humanas

Curso de
História - Bacharelado

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço à espiritualidade, que nunca me abandonou e que me guia desde o início da minha jornada. Sem a fé daqueles que me orientam e me ensinam, diariamente, a acreditar em mim mesma, sei que não teria sido capaz de alcançar meus sonhos e objetivos.

Agradeço também aos meus fiéis e leais amigos, que se tornaram minha verdadeira família e que jamais me deixam cair quando o chão parece desmoronar. Por fim, expresso minha gratidão aos meus professores, que ao longo de toda a caminhada estiveram presentes para orientar, incentivar e compartilhar seus conhecimentos.

RESUMO

Este trabalho analisa os processos de construção e reconfiguração da identidade étnica do povo Terena em contexto urbano, com foco na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Parte-se do problema de pesquisa que questiona de que forma a urbanização influencia a manutenção, transformação e afirmação da identidade indígena. O estudo fundamenta-se na abordagem relacional da etnicidade proposta por Fredrik Barth (2000), bem como nas contribuições de Manuela Carneiro da Cunha (2009), Roberto Cardoso de Oliveira (2006), Hobsbawm e Ranger (2015) e outros autores que discutem tradição, fronteiras sociais e territorialização. A metodologia adotada foi de caráter qualitativo, com base em pesquisa bibliográfica e análise de produções acadêmicas sobre os Terena urbanos. Os resultados indicam que a presença indígena na cidade não implica assimilação cultural, mas desencadeia processos de ressignificação simbólica, reorganização política e produção de novas territorialidades. Elementos como língua, rituais, organização comunitária, festividades e ocupação de espaços urbanos, como o Memorial da Cultura Indígena Cacique Enir Terena, configuram estratégias ativas de afirmação identitária. Conclui-se que a identidade terena em contexto urbano se constitui como processo dinâmico, relacional e político, sustentado pela capacidade coletiva de manter e redefinir fronteiras sociais, articulando tradição e mudança na construção contínua da etnicidade.

Palavras-chave: identidade étnica; Terena; urbanização; territorialização; etnicidade.

ABSTRACT

This work analyzes the processes of construction and reconfiguration of the ethnic identity of the Terena people in an urban context, focusing on the city of Campo Grande, Mato Grosso do Sul. It begins with the research problem of how urbanization influences the maintenance, transformation, and affirmation of indigenous identity. The study is based on the relational approach to ethnicity proposed by Fredrik Barth (2000), as well as the contributions of Manuela Carneiro da Cunha (2009), Roberto Cardoso de Oliveira (2006), Hobsbawm and Ranger (2015), and other authors who discuss tradition, social boundaries, and territorialization. The methodology adopted was qualitative, based on bibliographic research and analysis of academic productions on urban Terena. The results indicate that the indigenous presence in the city does not imply cultural assimilation, but triggers processes of symbolic re-signification, political reorganization, and the production of new territorialities. Elements such as language, rituals, community organization, festivities, and the occupation of urban spaces, such as the Cacique Enir Terena Indigenous Culture Memorial, constitute active strategies for affirming identity. It is concluded that Terena identity in an urban context is constituted as a dynamic, relational, and political process, sustained by the collective capacity to maintain and redefine social boundaries, articulating tradition and change in the continuous construction of ethnicity.

Keywords: ethnic identity; Terena; urbanization; territorialization; ethnicity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

CULTURA, RESISTÊNCIA E REINVENÇÃO: 618

CONCLUSÃO: 27

REFERÊNCIAS: 30

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de aldeias urbanas e comunidades indígenas em Campo Grande/MS p.10

Figura 2 – Memorial da Cultura Indígena Cacique Enir Terena p.21

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar como membros da etnia Terena reorientam e legitimam sua identidade nas vivências cotidianas em Campo Grande (MS), considerando a mobilidade socioespacial, a habitação nas aldeias urbanas e bairros periféricos, e as interações com a sociedade envolvente, que ocorrem no dia a dia nos ambientes de estudo, trabalho, lazer, culto religioso e outros. Observou-se que a integração social nesse novo contexto não ocorre de forma plena, pois os indígenas ainda permanecem em condições marginalizadas. Contudo, demonstram resiliência e altivez por meio de estratégias de reafirmação contínua de sua especificidade étnica e da singularidade de suas manifestações culturais.

O interesse por este tema surgiu da observação da presença cada vez mais expressiva de indígenas em áreas urbanas desta capital, o que desperta questionamentos sobre como esses sujeitos, ancestralmente ligados a modos de vida rurais, constroem novas formas de pertencer e de afirmar sua identidade. A convivência cotidiana com essa realidade e o contato com estudos etnológicos e históricos sobre povos indígenas contribuíram para a escolha do tema, que se mostrou relevante tanto no campo acadêmico quanto social, por tratar de um fenômeno atual e cada vez mais explorado: a experiência urbana dos Terena e os processos de reconstrução identitária nesse contexto.

A etnia Terena, pertencente à família linguística Aruak, constitui-se como uma das mais numerosas do Brasil¹ e com trajetória histórica marcada pelo convívio intenso com a sociedade não indígena. Tradicionalmente, esse grupo se fixou em aldeias localizadas no estado de Mato Grosso do Sul, sobretudo nos municípios de Miranda, Aquidauana, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia, Dourados e Rochedo. Contudo, desde meados do século XX, intensificaram-se os processos de migração para centros urbanos, em busca de melhores condições socioeconômicas (Cardoso de Oliveira, 1976).

A presença do povo Terena no espaço urbano não constitui um fenômeno recente nem resulta exclusivamente de interesses econômicos. Trata-se de um processo historicamente construído, motivado por diferentes fatores, como perseguições internas, busca por trabalho, acesso à educação dos filhos e aos

¹ O censo do IBGE de 2022 identificou 44.667 pessoas pertencentes à etnia Terena.

serviços de saúde, o que evidencia que a mobilidade indígena já se configurava como um fenômeno social complexo desde meados do século XX (Cardoso de Oliveira, 1968; Cardoso, 2016).

Nas décadas finais do século XX, consolidou-se entre os próprios Terena a categoria “desaldeado”, inicialmente utilizada de forma pejorativa pelas comunidades das aldeias para designar aqueles que haviam migrado para a cidade. Esse termo expressa tensões internas relacionadas ao pertencimento e à autenticidade cultural, além de revelar a pressão social para que o indígena permanecesse vinculado exclusivamente ao território tradicional. Conforme analisa Cardoso (2016), a experiência histórica terena evidencia que a inserção em novos contextos sociais não implica abandono da identidade étnica, mas sua reconfiguração. Assim, mesmo em contextos urbanos, a identidade terena se mantém ativa por meio da reorganização de práticas culturais e formas próprias de pertencimento coletivo, contrariando interpretações que associam urbanização à perda identitária.

Dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - indicam que, em 2022, Campo Grande concentrava cerca de 18.500 indígenas, configurando-se como a cidade com a maior população indígena residente em área urbana no estado. Em âmbito nacional, observa-se que 53,37% da população indígena vive em áreas urbanas, enquanto 46,63% permanecem em áreas rurais, o que reforça a relevância da análise ao inserir a realidade terena em um movimento mais amplo de urbanização e reterritorialização indígena no país (IBGE, 2022). No contexto de Campo Grande, esse processo é observado nas chamadas aldeias urbanas, como Marçal de Souza, Água Bonita, Darcy Ribeiro e Tarsila do Amaral, conforme analisado por Michely Espíndola (2013) e por outros estudos sobre territorialização indígena urbana. Essas comunidades constituem espaços de articulação entre práticas tradicionais e dinâmicas da vida urbana, segundo a literatura especializada.

Considerando que não foi possível a realização de trabalho de campo direto nas referidas comunidades, a presente análise fundamenta-se prioritariamente na produção acadêmica existente, especialmente nas pesquisas de Espíndola (2013) e Salvador (2020), bem como em dados demográficos e registros audiovisuais que abordam a experiência terena em contexto urbano.

O mapa apresentado a seguir tem como finalidade contextualizar espacialmente as aldeias urbanas mencionadas, indicando sua localização nas diferentes regiões de Campo Grande. Essa visualização permite compreender como

a presença terena se distribui pelo espaço urbano, evidenciando processos de territorialização e reorganização comunitária no interior da cidade.

Figura 1 – Localização de aldeias urbanas e comunidades indígenas em Campo Grande/MS



Extraído de: Campos, 2025. Disponível em:

<https://midiamax.com.br/cotidiano/2025/pesquisa-revela-forca-cacicas-lideranca-oito-aldeias-indigenas-campo-grande/>

O movimento migratório dos Terena pode ser compreendido a partir de fatores econômicos, sociais e culturais. A redução da produtividade das terras indígenas e a escassez de oportunidades de trabalho no meio rural impulsionaram diversas famílias a buscar alternativas no espaço urbano (Salvador, 2020). Além disso, o deslocamento não se restringe à necessidade material, estando também relacionado ao fortalecimento de vínculos familiares, uma vez que a proximidade com parentes residentes na cidade favorece a constituição de redes de apoio fundamentais para a adaptação ao novo contexto (Mussi, 2006). Esse processo articula-se ainda às políticas públicas e aos desafios da representatividade indígena nos campos educacional e político, evidenciando processos contínuos de reorganização identitária e fortalecimento das formas próprias de pertencimento coletivo. Essa rede de apoio, estruturada por meio de parentelas, permite a manutenção da coesão social mesmo na dispersão urbana.

As estratégias de manutenção identitária observadas nas aldeias urbanas podem ser agrupadas em três dimensões complementares. A dimensão cultural manifesta-se na realização de danças tradicionais, na produção artesanal e na

culinária típica. A dimensão política evidencia-se na organização das aldeias como arranjos sociopolíticos estruturados por lideranças e redes de parentesco. Já a dimensão educacional aparece na valorização da língua terena e na atuação de educadores indígenas que reforçam o pertencimento coletivo.

Esses elementos, identificados tanto na bibliografia quanto nas narrativas do documentário *Vémo'um – Nossa Voz*, demonstram que a identidade terena não se restringe à memória do passado, mas se atualiza ativamente no espaço urbano. Destacam-se nesse contexto espaços como o Memorial da Cultura Indígena Cacique Enir Terena, na Aldeia Urbana Marçal de Souza, que atua como local de memória, resistência e afirmação cultural, bem como as festividades tradicionais realizadas nas comunidades, que fortalecem os laços simbólicos e reafirmam a ancestralidade em meio ao ambiente urbano (Valentim, 2018).

A metodologia empregada neste estudo baseou-se em uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada na análise de literatura especializada acerca da etnicidade terena em contextos urbanos. A opção pela revisão de literatura se justifica pela necessidade de compreender de forma ampla os processos de reconstrução identitária dessa população indígena, considerando a complexidade de suas práticas culturais, relações sociais e estratégias de resistência frente à urbanização, conforme discutido por estudos clássicos e contemporâneos sobre identidades indígenas urbanas (Cardoso de Oliveira, 1968; Cardoso, 2016). Articula-se a análise desses textos aos dados demográficos recentes e registros audiovisuais contemporâneos.

Além da revisão bibliográfica, o trabalho incorpora entrevistas conduzidas por Sâmara Figueiredo, indígena apresentadora do documentário *Vémo'um – Nossa Voz* (2025), realizadas com membros do povo Terena residentes em Campo Grande. Esses relatos oferecem uma perspectiva empírica e vivencial sobre as dinâmicas identitárias observadas no cotidiano das aldeias urbanas, contribuindo para a compreensão das experiências indígenas a partir de suas próprias narrativas.

Para a coleta de dados, adotou-se uma abordagem qualitativa e exploratória, centrada na análise de literatura especializada. A seleção das fontes bibliográficas, que incluiu artigos científicos, dissertações e teses, foi realizada com base em critérios que visavam garantir a profundidade e a abrangência da pesquisa. Primeiramente, priorizou-se a relevância temática, buscando estudos que abordassem diretamente a etnicidade Terena em contextos urbanos, com foco nas dinâmicas de reconstrução identitária e nas interações com a sociedade envolvente. Em segundo lugar,

considerou-se a abrangência temporal, selecionando publicações de diferentes períodos (com recorte temporal entre 1990 e 2025) para contemplar a evolução histórica e teórica do tema, desde as primeiras análises sobre a urbanização indígena até as discussões mais contemporâneas sobre resistência e reterritorialização. Adicionalmente, valorizou-se a perspectiva multidisciplinar, incorporando contribuições das Ciências Sociais, da História e da Antropologia, o que permitiu uma análise mais holística das complexidades culturais, políticas e territoriais vivenciadas pelos Terena.

Destacam-se, nesse conjunto, as contribuições de autores como Espíndola (2013), cuja dissertação sobre a Aldeia Urbana Marçal de Souza é fundamental para compreender o papel das lideranças indígenas, e Cardoso (2016), que analisa a presença indígena em contextos urbanos e os desafios da construção do pertencimento em espaços marcados por fronteiras culturais. A utilização de dados foi complementada pela análise de dados demográficos do Censo IBGE de 2022.

Essa abordagem metodológica possibilitou a identificação de padrões, tendências e transformações nos modos de manutenção da identidade étnica terena diante dos processos de urbanização e inserção em espaços urbanos, conforme apontam Espíndola (2013) e Cardoso (2016).

Para a coleta de dados, realizou-se uma seleção criteriosa de fontes bibliográficas, incluindo artigos científicos, dissertações e teses publicados entre 1990 e 2025, de modo a contemplar a evolução histórica e teórica do tema. O estudo adotou uma perspectiva multidisciplinar, articulando contribuições fundamentais das Ciências Sociais, da História e da Antropologia, o que permitiu uma análise abrangente das dinâmicas culturais, políticas e territoriais vivenciadas pelos Terena.

Essa abordagem fundamenta-se no diálogo entre autores que discutem a etnicidade e a urbanização sob diferentes prismas: as Ciências Sociais e a Antropologia fornecem a base para compreender a identidade como um processo dinâmico e relacional, destacando-se os conceitos de "fronteiras sociais" de Fredrik Barth, "fricção interétnica" de Roberto Cardoso de Oliveira e "cultura com aspas" de Manuela Carneiro da Cunha. No campo da História, a análise é enriquecida pela perspectiva de Hobsbawm e Ranger sobre a reelaboração das tradições em novos contextos.

Complementarmente, a pesquisa incorpora estudos de caso essenciais, como os de Espíndola (2013) e Cardoso (2016), que analisam especificamente a presença Terena em contextos urbanos e o papel das lideranças na formação da consciência

política e étnica. Essa convergência de áreas e autores possibilitou identificar padrões e transformações nos modos de manutenção da identidade indígena diante dos processos de urbanização em Campo Grande.

O recorte temporal da pesquisa compreende o período entre 1990 e 2025, possibilitando acompanhar as transformações decorrentes da intensificação do êxodo rural, da consolidação das aldeias urbanas e da ampliação da participação indígena em espaços institucionais, conforme observado em estudos recentes sobre urbanização indígena no Brasil.

O recorte temporal empregado no presente trabalho, entre 1990 e 2025 explica-se pela concentração da produção bibliográfica e documental que acompanha a consolidação das aldeias urbanas em Campo Grande, como a Marçal de Souza, fundada na década de 1990. A percepção da transição do meio rural para o urbano foi fundamentada na análise cruzada de dados demográficos do IBGE, que registram o crescimento da população indígena na capital, e em estudos de caso (Espíndola, 2013; Mussi, 2006) que documentam o processo de reterritorialização.

Como já exposto, os resultados indicam que a presença terena na cidade não representa um rompimento com a tradição, mas uma ampliação das formas de ser indígena, nas quais o espaço urbano passa a ser compreendido como território simbólico e político. Essa ressignificação do espaço urbano é evidenciada pela própria constituição das aldeias urbanas, como a Marçal de Souza, que, para além de moradias, funcionam como arranjos sociopolíticos estratégicos e núcleos de resistência.

A arquitetura do Memorial da Cultura Indígena Cacique Enir Terena, por exemplo, com sua estrutura que remete às ocas tradicionais, transforma o espaço físico em uma declaração pública de identidade. Além disso, a manutenção e ressignificação de práticas culturais, como a dança *Kohixoti Kipaé*, o uso da língua terena no cotidiano e a organização de festividades e eventos públicos, como o Dia dos Povos Indígenas, não apenas reproduzem a cultura, mas também afirmam publicamente a presença indígena na cidade, convertendo-a em um palco para a reivindicação de direitos e o fortalecimento da coesão social.

Essa vivência evidencia que a cultura étnica não constitui uma categoria fixa, mas um processo relacional, dinâmico e continuamente atualizado, marcado por práticas cotidianas de resistência e reinvenção cultural (Cardoso, 2016).

Com esta pesquisa, espera-se contribuir para a compreensão das novas formas de expressão da identidade indígena em contextos urbanos e para o debate

acerca da valorização das culturas originárias no interior das dinâmicas sociais das cidades. Busca-se, ainda, dar visibilidade à presença e à resistência do povo Terena em Campo Grande, bem como compreender de que maneira os Terena, ao migrarem para o espaço urbano, conseguem reconstruir e afirmar sua etnicidade, preservando práticas culturais, memória coletiva e vínculos comunitários diante das pressões impostas pela urbanização (Espíndola, 2013; Cardoso, 2016).

A presença do povo Terena em contextos urbanos, especialmente em Campo Grande, tem se intensificado nas últimas décadas e desafia concepções tradicionais que associam a identidade indígena exclusivamente ao espaço rural ou às terras tradicionalmente ocupadas. A urbanização indígena, conforme a perspectiva de Cardoso de Oliveira (1968) e Cardoso (2016), não implica necessariamente ruptura cultural, mas sim a reconfiguração de práticas, pertencimentos e estratégias identitárias diante de novas dinâmicas sociais, políticas e territoriais.

Busca-se, ainda, compreender como os Terena mantêm e adaptam rituais e expressões culturais, desenvolvem estratégias de resistência frente à urbanização, avaliam a influência das políticas públicas e da Educação Escolar Indígena urbana e percebem sua identidade e pertencimento em contraste com a sociedade não indígena (Espíndola, 2013; Cardoso, 2016).

A relevância desta pesquisa transcende a mera visibilidade acadêmica, fundamentando-se na importância de compreender e valorizar o protagonismo do povo Terena na reconstrução de sua identidade em contextos urbanos. Ao invés de apenas dar visibilidade, o estudo busca analisar as estratégias ativas de resistência, afirmação cultural e organização política que os Terena desenvolvem em Campo Grande. Isso inclui a manutenção da língua, a ressignificação de rituais, a força das parentelas e a constituição das aldeias urbanas como territórios de luta e pertencimento.

Do ponto de vista teórico, o estudo dialoga com abordagens contemporâneas da etnicidade que compreendem a identidade indígena como um processo dinâmico, relacional e historicamente situado, construído na interação com o “outro” e com as condições concretas da vida social. Nesse sentido, a perspectiva de Fredrik Barth (2000) é central, pois ele argumenta que a etnicidade não se define pela imutabilidade de um conteúdo cultural fixo, mas pela manutenção de fronteiras sociais que distinguem um grupo do outro, mesmo diante de intensas trocas e adaptações.

No contexto desta pesquisa, essa teoria se manifesta de forma clara na vivência Terena em Campo Grande. Por exemplo, a língua terena, embora falada em

um ambiente urbano, atua como um marcador identitário fundamental, sendo utilizada em ambientes domésticos e comunitários para reforçar o pertencimento. As redes de parentesco e a organização social em torno do cacicado nas aldeias urbanas, como a Marçal de Souza, exemplificam como essas fronteiras são ativamente construídas e negociadas. Além disso, a persistência de práticas culturais como a dança *Kohixoti Kipaé*, a alimentação tradicional e o artesanato, mesmo adaptadas ao contexto citadino, servem como sinais diacríticos que reafirmam a identidade terena e delimitam o grupo em relação à sociedade não indígena. Tais situações demonstram que a identidade é constantemente reelaborada e afirmada através de elementos que, mais do que conteúdos culturais estáticos, funcionam como marcadores de distinção e coesão social.

A experiência vivida pelos Terena em contextos urbanos, especialmente na comunidade Marçal de Souza, revela a complexidade da manutenção identitária fora do território tradicional. A urbanização impõe desafios relacionados à inclusão social, ao reconhecimento étnico e à permanência das práticas culturais, exigindo estratégias constantes de resistência e adaptação, conforme apontam Espíndola (2013) e Cardoso (2016).

A narrativa da indígena Giulia Gabriela Rodrigues extraída do documentário *Vémo'um – Nossa Voz* explica o seguinte:

Nós fomos tirados de onde vivíamos e colocados em um espaço urbano. Não estamos incluídos, mas conseguimos manter nossas raízes, nossa fala, nossa língua. Graças aos princípios que recebemos dos nossos ancestrais, podemos expressar nossa cultura e afirmar nossa presença na cidade. (RODRIGUES, 2025).

Esse relato oral confirma que, embora inseridos no espaço urbano, os Terena não abandonam sua identidade, mas a reafirmam por meio da língua, da memória ancestral e da vivência comunitária, reforçando a compreensão de que a urbanização não implica, necessariamente, perda cultural, mas reinvenção identitária (Cardoso, 2016).

A manutenção cultural manifesta-se também por meio da transmissão intergeracional de saberes, especialmente no ensino da língua materna e das expressões artísticas tradicionais.

Essas práticas desempenham papel central na continuidade da identidade étnica, conforme discutido por Vietta (2015) em seus estudos sobre cultura material e simbolismo indígena.

A artesã terena Jucimara da Silva, no documentário *Vémo'um – Nossa Voz*,

afirma:

Eu ensino para os meus filhos e para as pessoas mais jovens não deixar a nossa cultura morrer, porque nós temos uma cultura rica em cerâmicas, em sementes, em penas. (Silva, 2025).

O depoimento acima reforça que a educação cultural e o fortalecimento dos vínculos familiares constituem estratégias fundamentais para a manutenção da indianidade em contextos urbanos, permitindo que os Terena se reconheçam como pertencentes a um coletivo diferenciado, mesmo fora do território tradicional.

A dimensão política da identidade indígena urbana também se evidencia nas falas das lideranças comunitárias. As aldeias urbanas configuram-se como espaços de resistência simbólica e política, onde a cultura se afirma como instrumento de sobrevivência coletiva frente às pressões do ambiente urbano.

Em entrevista que integra o documentário *Vémo'um – Nossa Voz*, o cacique Josias Ramires, da aldeia Marçal de Souza, afirma:

Nós somos a resistência. Eu falo que nós estamos numa selva de pedra. O que vai resistir aqui é a nossa cultura, a nossa língua, a nossa culinária e a nossa comida típica e é isso que vai resistir a nós. (Ramires, 2025).

A metáfora da “selva de pedra” expressa a tensão entre o espaço urbano e as práticas tradicionais, evidenciando que a afirmação cultural depende de engajamento coletivo e da valorização dos elementos simbólicos que sustentam a identidade.

A possibilidade de conciliar cidadania urbana e identidade indígena é destacada também no campo educacional e político, demonstrando que a indianidade não se limita ao espaço físico da aldeia, mas se projeta nas relações sociais e institucionais da cidade (Espíndola, 2013).

Em entrevista que integra o documentário *Vémo'um – Nossa Voz*, a professora terena Maria Auxiliadora argumenta:

Podemos ser cidadãos indígenas em Campo Grande. Posso ser o que você é sem deixar de ser quem sou. Eu sou Terena, está estampado, é minha identidade e eu gosto. (Auxiliadora, 2025).

Além disso, iniciativas como o mencionado documentário, produzido pela própria comunidade terena urbana, constituem importantes instrumentos de resistência cultural e produção de conhecimento, ao permitir que os indígenas se tornem narradores de suas próprias histórias. Como explica a apresentadora Samara Figueiredo na narração em vídeo dessa obra:

O projeto leva o nome de *Vémo'um*, que na língua Terena significa “a nossa voz”. (Figueiredo, 2025)

Essas narrativas confirmam que a identidade terena urbana é histórica, cultural e política, construída cotidianamente por meio da reprodução de práticas tradicionais, da mobilização comunitária e da afirmação pública da etnicidade. Trabalhos como os de Espíndola (2013) e Lima da Silva (2022) demonstram que a experiência atual dos Terena em Campo Grande é a continuidade de um longo processo de resistência coletiva e luta por reconhecimento.

CULTURA, RESISTÊNCIA E REINVENÇÃO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE ETNICIDADE TERENA

A consciência étnica, especialmente no contexto indígena, não deve ser compreendida como um atributo fixo ou imutável, mas como um processo histórico, relacional e dinâmico, construído a partir das interações sociais e dos contextos políticos nos quais os grupos estão inseridos. Essa abordagem fundamenta-se, sobretudo, na perspectiva de Fredrik Barth (2000), para quem a etnicidade se mantém não pela imutabilidade dos conteúdos culturais, mas pela persistência das fronteiras sociais que distinguem um grupo do outro, mesmo diante de mudanças e adaptações culturais.

Essa compreensão rompe com concepções essencialistas que tendem a associar a cultura indígena a práticas rígidas, impermeáveis e restritas a territórios específicos, desconsiderando os efeitos do contato interétnico e das transformações históricas. Manuela Carneiro da Cunha (2009) e Roberto Cardoso de Oliveira (2006) contribuem para essa crítica ao enfatizarem que a cultura deve ser entendida como um repertório em constante reelaboração, no qual tradição e mudança coexistem. Para esses autores, os processos de deslocamento, urbanização e intensificação das relações com a sociedade envolvente não implicam, necessariamente, perda identitária, mas produzem novas formas de expressão e afirmação cultural. Nesse sentido, os deslocamentos territoriais e a inserção em contextos urbanos podem ser compreendidos como parte de processos mais amplos de reconstrução identitária, nos quais os elementos culturais, simbólicos e sociais são continuamente ressignificados.

Cardoso de Oliveira (2006) destaca que a identidade indígena se constitui em contextos de fricção interétnica, nos quais os grupos negociam pertencimentos, direitos e reconhecimento social, evidenciando que a etnicidade se redefine a partir das relações estabelecidas com o outro e com as instituições da sociedade nacional.

Contribuições teóricas mais amplas auxiliam na problematização da noção de tradição como algo estático. Hobsbawm e Ranger (2015), ao discutirem o conceito de “tradições inventadas”, demonstram que práticas consideradas tradicionais são, muitas vezes, construídas e reinterpretadas historicamente em resposta a contextos sociais específicos. Embora não tratem diretamente das populações indígenas, suas reflexões permitem compreender como a tradição pode ser continuamente recriada sem perder sua função simbólica e identitária.

Abordagens antropológicas contemporâneas que questionam concepções ocidentais universalizantes de cultura também contribuem para ampliar a análise sobre a diversidade das experiências indígenas. Eduardo Viveiros de Castro (2008), ao propor uma crítica às noções homogêneas de cultura, reforça a necessidade de reconhecer a pluralidade dos modos de existência e de produção de sentido dos povos indígenas, o que favorece uma leitura mais sensível às formas próprias de continuidade cultural e reinvenção identitária em diferentes contextos sociais.

Essa dinâmica dialoga diretamente com a perspectiva de Sahlins (1997), ao evidenciar que a cultura atua como um instrumento ativo de produção histórica. Os Terena mobilizam referências culturais não apenas para celebrar o passado, mas para interpretar novas experiências, responder a desafios contemporâneos e negociar sua posição social e política na cidade. A cultura, portanto, deixa de ser entendida como herança imutável e passa a ser concebida como prática social orientada para a ação, capaz de estruturar respostas criativas diante de contextos adversos.

Essa compreensão dialoga com a perspectiva relacional de Viveiros de Castro (2008), segundo a qual a cultura não constitui um conjunto fixo de elementos, mas um campo dinâmico de relações e significados continuamente produzidos na interação com outros grupos. A identidade, nesse sentido, é construída na diferença e na negociação, sendo constantemente ajustada às circunstâncias históricas e sociais.

O conceito de “cultura com aspas”, proposto por Manuela Carneiro da Cunha (2009) contribui para afastar interpretações essencialistas da identidade, ao compreender a cultura como uma construção reflexiva e historicamente situada. Para os Terena urbanos, isso significa que a autenticidade cultural não depende da permanência em um território fixo, mas da capacidade de reelaborar práticas, valores e símbolos em diálogo com novas realidades urbanas, políticas e econômicas.

Essa dinâmica encontra respaldo na noção de “invenção das tradições” formulada por Hobsbawm e Ranger (2015), segundo a qual a reelaboração de práticas culturais constitui um mecanismo legítimo de adaptação e coesão social. No caso dos Terena urbanos, essa reinvenção manifesta-se na produção de cerâmica e artesanato com sementes e penas, que deixa de ter apenas um valor utilitário para se tornar um símbolo de resistência e fonte de renda na cidade; na arquitetura das aldeias urbanas, como a Marçal de Souza, que utiliza materiais como palha e madeira para evocar as ocas tradicionais em meio à “selva de pedra”; e na atuação política de lideranças e professores indígenas, que ocupam espaços institucionais e educacionais para afirmar a cidadania indígena urbana. Tais estratégias não representam uma ruptura

com o passado, mas formas conscientes de garantir a continuidade identitária em um enquadramento urbano complexo.

No contexto das periferias de Campo Grande, essas fronteiras sociais assumem formas variadas e adaptadas às exigências da vida citadina. O contato intenso com a sociedade não indígena e a exposição a novos estilos de vida poderiam, à primeira vista, ser interpretados como fatores de enfraquecimento cultural. No entanto, conforme a perspectiva de Barth (2000), é justamente nesse espaço de interação que os mecanismos de manutenção da identidade se tornam mais evidentes por meio de sinais e marcas diacríticas.

Entre esses sinais, destaca-se a valorização da língua terena em contextos familiares e educacionais, a manutenção de redes de parentela para o acesso ao trabalho e a comensalidade de alimentos tradicionais em festividades coletivas. Além disso, as performances públicas, como a Dança do Bate-Pau (*Kohixoti Kipaé*) e as rezas tradicionais, atuam como instrumentos de coesão interna e reconhecimento mútuo. Esses elementos, embora adaptados às limitações do espaço urbano, não são apenas heranças, mas marcadores articulados que distinguem os Terena enquanto grupo social específico e garantem a afirmação de sua etnicidade diante da sociedade envolvente.

Dessa forma, os sinais diacríticos que sustentam as fronteiras étnicas terena não se restringem a símbolos isolados, mas constituem um conjunto articulado de práticas sociais, culturais e políticas que permitem ao grupo manter sua identidade mesmo em condições de intensa interação intercultural.

A identidade terena urbana, portanto, confirma a proposição de Barth (2000) de que a continuidade étnica não depende da imutabilidade cultural, mas da capacidade coletiva de produzir, negociar e atualizar continuamente os critérios de pertencimento em contextos sociais diversos.

A manutenção de rituais, celebrações e práticas coletivas constitui um dos principais mecanismos de conservação da memória histórica e dos valores culturais dos Terena, ao mesmo tempo em que permite sua reinterpretação e adaptação à realidade da cidade, criando uma continuidade simbólica fundamental para a sustentação da identidade do grupo (Pereira, 2009).

A legitimação da identidade terena no cotidiano de Campo Grande não se pauta em rituais ancestrais de batismo isolados, mas sim na performance política e cultural do *Kohixoti Kipaé* e em práticas de comensalidade, como o compartilhamento do tereré e o consumo do *hihi* (bolinho à base de mandioca ralada), que fortalecem

as redes de parentesco no espaço urbano.

As comemorações do Dia dos Povos Indígenas, realizadas anualmente em Campo Grande, configuram-se como importantes espaços de visibilidade política e reafirmação cultural, reunindo famílias terena em apresentações de canto, pintura corporal, danças tradicionais e oficinas de artesanato. Esses eventos fortalecem o reconhecimento público da presença indígena na cidade e funcionam como arenas de afirmação identitária frente à sociedade não indígena (Cardoso, 2016).

Nesse contexto, o Memorial da Cultura Indígena Cacique Enir Terena assume papel central como território simbólico de resistência e reconstrução cultural. Mais do que uma representação arquitetônica dos modos tradicionais, o memorial configura-se como um espaço fundamental para a coletividade, onde se realizam reuniões, rituais, apresentações culturais e encontros comunitários. Sua decoração interna, composta por grafismos indígenas, painéis informativos e referências à trajetória de lideranças históricas, reforça ativamente a memória coletiva e a identidade política do povo Terena, consolidando-o como um polo de afirmação étnica e de resistência no ambiente urbano (Espindola, 2013).

Figura 2 – Memorial da Cultura Indígena Cacique Enir Terena



Reproduzido do site Capital News. Disponível em:

<https://www.capitalnews.com.br/cotidiano/dia-do-indio-e-celebrado-com-musica-na-aldeia-marcal-de-souza/316094>. Acesso em: 20/01/2026.

O memorial não funciona apenas como espaço expositivo, mas como local vivo de práticas culturais, onde ocorrem rezas, rituais, performances coletivas e encontros intercomunitários, fortalecendo os laços sociais e a coesão do grupo. Dessa forma, o espaço urbano é ressignificado, tornando-se um lugar de pertencimento, continuidade cultural e resistência simbólica frente aos processos de invisibilização indígena (Torres, 2023).

Entre os Terena que vivem fora das aldeias rurais, a manutenção das fronteiras sociais não se limita à repetição de práticas culturais já consolidadas, mas envolve processos ativos de educação, nos quais a transmissão de saberes tradicionais assume papel estratégico frente às condições da vida urbana. Pais, avós e lideranças comunitárias atuam como mediadores culturais, orientando as novas gerações quanto aos valores, normas e códigos de pertencimento que definem o grupo, ao mesmo tempo em que preparam os jovens para transitar entre diferentes contextos sociais. Nesse sentido, a identidade não é apenas herdada, mas continuamente aprendida, interpretada e atualizada.

As festividades tradicionais, cerimônias religiosas e encontros comunitários funcionam menos como simples repetição do passado e mais como espaços pedagógicos e políticos, nos quais se reafirmam vínculos sociais e se produzem sentidos compartilhados de pertencimento. É nesses momentos que os jovens são inseridos nas narrativas coletivas, compreendendo seu lugar no grupo e desenvolvendo mecanismos de reconhecimento mútuo muitas vezes articulados pela manutenção da língua terena e pela comensalidade em eventos coletivos. Esse processo ocorre em meio a desafios próprios do ambiente urbano, como a desigualdade social, o preconceito e a necessidade de inserção econômica, que exigem negociações constantes entre a manutenção de referências culturais tradicionais e a adaptação às exigências do cotidiano citadino (Fernandes, 2002).

No caso dos Terena, as aldeias urbanas assumem papel central não apenas como espaços de moradia, mas como arranjos sociopolíticos estratégicos, nos quais se organizam práticas coletivas, formas de liderança e mecanismos de articulação comunitária. Mais do que preservar tradições de maneira estática, esses espaços operam como núcleos de coordenação social, permitindo a gestão da vida cotidiana, a mediação de conflitos e a mobilização coletiva frente às demandas influenciadas pelo cenário urbano (Espindola, 2013).

Sob essa perspectiva, a cidade não pode ser compreendida exclusivamente como um ambiente de assimilação cultural, mas como um campo de disputas simbólicas e políticas, no qual os Terena constroem formas próprias de territorialidade. Os territórios indígenas urbanos não se definem apenas pela ocupação física do espaço, mas pela densidade das relações sociais, pelo compartilhamento de códigos culturais e pela produção contínua de sentidos coletivos. Cada prática cotidiana, seja uma reunião comunitária, um ritual ou uma forma específica de organização familiar, contribui para a consolidação desses

territórios simbólicos, nos quais a identidade é reafirmada no presente (Cardoso, 2016; Salvador, 2020).

Pesquisas recentes, como as de Colman, Souza e Vieira (2023), demonstram que as aldeias urbanas funcionam como espaços de experimentação cultural e social, nos quais tradições são reinterpretadas e ressignificadas. Esses territórios não se limitam à função residencial, mas operam como núcleos de sociabilidade, transmissão de saberes e fortalecimento de vínculos comunitários, permitindo a continuidade da cultura étnica para além do território ancestral tradicionalmente concebido.

Nesse contexto, as práticas culturais assumem também uma dimensão política. Ximenes (2011) destaca que performances públicas, como danças, rituais, assembleias e manifestações artísticas, atuam como estratégias de visibilidade e afirmação identitária. Essas ações não apenas reforçam a coesão interna do grupo, mas produzem reconhecimento externo, inserindo a cultura indígena no espaço público da cidade.

Amado (2020) aprofunda essa leitura ao evidenciar que cultura e ação política são dimensões indissociáveis nos contextos indígenas urbanos. A organização comunitária, a mobilização coletiva e a reivindicação de direitos sociais caminham junto à adaptação de práticas culturais, fazendo da indianidade um instrumento ativo de cidadania. Assim, a cultura deixa de ser apenas herança simbólica e passa a operar como recurso estratégico de negociação social e política.

Segundo Salvador (2020), a industrialização e a expansão urbana em Campo Grande alteraram profundamente as formas de inserção social e territorial dos Terena, exigindo negociações entre práticas tradicionais e novas condições socioeconômicas. Essas transformações, contudo, não resultaram no abandono da cultura, mas na constituição de novas territorialidades étnicas no espaço urbano. Um exemplo concreto desse processo é a formação das aldeias urbanas, como a comunidade Marçal de Souza, que se consolidou como espaço de moradia coletiva, circulação da língua materna, organização política e realização de rituais adaptados à realidade da cidade.

A presença terena em eventos públicos da cidade também constitui uma forma relevante de afirmação identitária. Participações em feiras de artesanato, semanas culturais, apresentações públicas e mobilizações políticas ampliam a visibilidade indígena no espaço urbano e reforçam a atuação coletiva frente à sociedade não indígena. Essas ações não se limitam à exibição cultural, mas funcionam como estratégias de reivindicação de reconhecimento e direitos.

Colman, Souza e Vieira (2023) destacam que o deslocamento para o meio urbano é acompanhado por estratégias de resistência que incluem a reorganização de rituais, a redefinição de espaços comunitários e a articulação política. Em Campo Grande, essas estratégias tornam a cidade um território de disputa simbólica, no qual os Terena afirmam sua presença por meio de práticas cotidianas e coletivas. Um exemplo disso é a reativação de cerimônias de canto e dança tradicional em praças, centros culturais e eventos comunitários, muitas vezes organizados por lideranças urbanas e com ampla participação de jovens que cresceram fora das aldeias rurais.

Outro exemplo significativo é a reorganização de celebrações tradicionalmente associadas ao fortalecimento dos vínculos intercomunitários. No contexto urbano, esse costume passa a ocorrer em encontros periódicos organizados por famílias e lideranças terena, reunindo parentes dispersos pela cidade. Embora a espacialidade e a logística sejam adaptadas, o objetivo central, reforçar laços sociais e transmitir valores culturais, continua sendo alcançado.

Práticas espirituais, como rezas, benzimentos e uso de remédios caseiros, também passam por processos de adaptação. Essas práticas são realizadas em residências de lideranças espirituais, associações indígenas ou espaços comunitários urbanos. Ainda que o ambiente físico seja distinto, os princípios cosmológicos que orientam essas ações continuam os mesmos, evidenciando a capacidade de adaptação da espiritualidade terena sem ruptura com seus fundamentos culturais (Fernandes, 2002).

Além disso, observa-se a redefinição de determinados espaços urbanos como territórios terena, incluindo associações culturais, sedes comunitárias e bairros com maior concentração de famílias indígenas. Esses espaços funcionam como pontos de encontro, circulação de saberes e articulação política, materializando a presença indígena na cidade e fortalecendo a coesão do grupo (Colman; Souza; Vieira, 2023). Conforme apontam Ximenes (2011) e Amado (2020), a luta por território, reconhecimento e direitos coletivos permanece central na experiência dos indígenas. Assembleias, mobilizações políticas e performances culturais públicas demonstram que a indianidade não se restringe à herança cultural, mas se configura como instrumento ativo de resistência e ação social. A reorganização de rituais, festas coletivas, práticas espirituais e sistemas de liderança evidencia que a tradição terena não apenas sobrevive no espaço urbano, mas se atualiza continuamente, reafirmando a vitalidade étnica em contextos de transformação.

Essas práticas evidenciam que, mesmo diante da urbanização, os Terena não

apenas conservam suas tradições, mas as ressignificam continuamente, transformando a cidade em um espaço ativo de afirmação identitária. Conforme Barth (2000), a etnicidade é essencialmente relacional, sendo construída e redefinida a partir das interações sociais e das fronteiras simbólicas estabelecidas entre grupos. Essa abordagem contrapõe-se às concepções essencialistas de cultura, que a tratavam como fixa e imutável, ignorando os processos históricos, a negociação social e a adaptação às novas circunstâncias.

Para os Terena urbanos, o contato com o mundo não indígena não compromete a identidade; ao contrário, ressalta sua vitalidade e capacidade de adaptação. Por meio de estratégias culturais, políticas e simbólicas, o grupo reforça sua coesão interna enquanto dialoga de forma criativa com a sociedade envolvente, garantindo visibilidade, reconhecimento e respeito, sem abandonar os elementos identitários que consideram centrais para sua existência coletiva.

A abordagem de Barth (2000) contribui para compreender essa dinâmica ao demonstrar que a cultura étnica não se enfraquece necessariamente com a migração ou o contato intercultural. Ao contrário, é precisamente nesses contextos de interação que as fronteiras sociais simbólicas se tornam mais visíveis e relevantes. No caso dos Terena de Campo Grande, tais fronteiras são continuamente recriadas por meio da linguagem, dos rituais, dos códigos sociais e das práticas cotidianas, garantindo que a identidade do grupo permaneça reconhecível tanto internamente quanto na relação com a sociedade envolvente.

Essa perspectiva reforça a compreensão do pertencimento étnico como um fenômeno histórico e social, construído a partir da experiência coletiva, da memória compartilhada e da capacidade de resistência cultural. A identidade, nesse sentido, não depende da preservação rígida de elementos culturais isolados, mas da habilidade do grupo em negociar, sustentar e redefinir fronteiras sociais, assegurando pertencimento, coesão interna e reconhecimento externo em contextos marcados pela mudança (Cunha, 2009; Barth, 2000).

De forma convergente, Gupta e Ferguson (2000) propõem uma leitura da cultura que rompe com concepções excessivamente territorializadas, segundo as quais práticas culturais estariam necessariamente ancoradas a espaços fixos e delimitados. Para esses autores, a contemporaneidade é marcada por intensos fluxos de pessoas, informações e símbolos, configurando redes complexas de deslocamento que desafiam noções tradicionais de território. Nesse cenário, a mobilidade não representa uma ameaça à identidade cultural, mas uma condição que possibilita sua

reconfiguração e ressignificação.

De modo complementar, a noção de mobilidade cultural proposta por Gupta e Ferguson (2000) permite compreender que a circulação entre aldeias rurais e urbanas, bem como o trânsito de pessoas, saberes e símbolos, não enfraquece a identidade terena, mas amplia suas possibilidades de articulação. A adaptação de rituais, a reorganização de práticas comunitárias e o uso estratégico de símbolos culturais revelam que a identidade acompanha o grupo, sendo continuamente ajustada às condições históricas e espaciais em que se insere.

Nessa mesma direção, Salvador (2020) destaca que a urbanização dos povos indígenas deve ser analisada como um processo de reconfiguração das formas de resistência étnica, no qual a territorialização urbana assume papel fundamental. A presença indígena na cidade não representa dispersão, mas a construção de novos espaços de atuação política, cultural e social, nos quais se fortalecem redes de solidariedade e se articulam reivindicações por direitos e reconhecimento. A cidade torna-se, assim, um cenário de visibilidade e engajamento, no qual práticas culturais são mobilizadas como instrumentos de afirmação coletiva.

Como citado anteriormente, a presença terena em contextos urbanos indicam que a urbanização não implica perda cultural, mas a reconfiguração das formas de organização, pertencimento e ação coletiva. A ocupação de aldeias urbanas e bairros periféricos constitui uma estratégia de territorialização social e política, na qual práticas comunitárias, normas de parentesco e memórias coletivas permanecem ativas, ainda que adaptadas às condições da vida urbana. Nesse sentido, a indianidade não se expressa apenas pela preservação de práticas herdadas, mas pela capacidade de reorganização diante de novas realidades sociais (Lima da Silva, 2022)

Assim, o deslocamento dos Terena para o espaço urbano não implica a dissolução da memória coletiva, mas estimula processos criativos de adaptação cultural, nos quais práticas tradicionais adquirem novos significados e funções. A identidade emerge, portanto, como um processo relacional, dinâmico e estratégico, capaz de se reinventar sem romper com seus fundamentos, reafirmando a presença indígena na cidade e desafiando visões que associam autenticidade cultural à fixidez territorial.

Dessa forma, a presença terena nas cidades evidencia que a etnicidade não é um dado estático, mas um processo histórico, relacional e político. A urbanização, longe de significar assimilação cultural, constitui um campo no qual tradição e mudança se articulam.

CONCLUSÃO

O estudo sobre a etnicidade terena em contextos urbanos de Campo Grande revela que a reconstrução identitária dessa comunidade é um fenômeno profundamente complexo, permeado por tensões históricas, sociais e culturais. A migração para o espaço urbano não representa apenas um deslocamento físico, mas também um processo contínuo de reconfiguração de laços comunitários, práticas culturais e relações de pertencimento. Nesse cenário, os Terena demonstram uma capacidade notável de adaptação, articulando estratégias de resistência e inovação para manter sua identidade diante de desafios estruturais, como a urbanização acelerada, a marginalização social e a pressão de normas culturais externas.

Essa compreensão se confirma nas narrativas coletadas durante a pesquisa, especialmente na entrevista conduzida por Sâmara Figueiredo, moradora e apresentadora vinculada à comunidade indígena Marçal de Souza. Em seu relato, a entrevistada descreve como a vivência cotidiana em Campo Grande exige dos Terena uma negociação constante entre tradição e modernidade. As experiências mencionadas, como o uso da língua materna, o ensino das práticas artesanais às novas gerações e a organização de festas e projetos culturais, demonstram que a resistência cultural não se restringe ao plano discursivo, manifestando-se de forma concreta no cotidiano urbano e nas estratégias coletivas de afirmação identitária.

A análise da literatura, aliada aos dados empíricos, evidencia que os Terena não apenas mantêm suas tradições e rituais, mas os ressignificam, criando formas híbridas de expressão cultural que dialogam com a vida na cidade sem romper com a memória coletiva. O fortalecimento dos vínculos de parentesco ocorre por meio de encontros familiares ampliados, assembleias comunitárias e eventos culturais organizados pelas lideranças, que funcionam como espaços de transmissão de saberes e reafirmação identitária. A mobilização política manifesta-se na participação em movimentos indígenas, audiências públicas e eventos culturais urbanos, enquanto a ocupação estratégica do espaço se materializa na criação de aldeias urbanas, associações comunitárias e centros culturais. Paralelamente, a valorização da educação intercultural aparece tanto nas escolas indígenas quanto em projetos educativos informais, nos quais anciãos e lideranças transmitem conhecimentos históricos, linguísticos e espirituais às novas gerações.

Nesse contexto, a manutenção de rituais e celebrações revela-se fundamental para a coesão social e espiritual do grupo. As celebrações religiosas e seculares

cotidianas reservam seu significado simbólico ao reunir famílias extensas, reforçando laços de pertencimento e responsabilidade coletiva sobre as crianças. Da mesma forma, as práticas de canto e dança, executadas durante celebrações comunitárias, eventos públicos e datas comemorativas, mantêm elementos rituais tradicionais, como a circularidade, o uso de cantos ancestrais e a participação intergeracional, demonstrando que a religiosidade e a ancestralidade continuam a ocupar lugar central na identidade terena.

Além disso, o estudo evidencia que a etnicidade terena não constitui um conceito fixo ou essencializado, mas um processo dinâmico e relacional, no qual identidade, território e memória histórica se articulam continuamente para produzir formas de resistência e afirmação cultural no contexto urbano. Essa compreensão possui implicações diretas para a formulação de políticas públicas, ao demonstrar que ações voltadas às populações indígenas urbanas devem reconhecer suas especificidades culturais, assegurar a participação ativa das comunidades nos espaços de decisão e promover estratégias que valorizem seus modos próprios de organização social, cultural e política.

Dados do Censo Demográfico do IBGE (2022) indicam que o Mato Grosso do Sul abriga uma das maiores populações indígenas do país, sendo que aproximadamente 40% desses indivíduos residem atualmente em áreas urbanas. Esse cenário reforça a necessidade de políticas públicas específicas para as aldeias urbanas, compreendidas não apenas como espaços de moradia, mas como territórios de resistência cultural, sociabilidade e construção de cidadania. O reconhecimento institucional dessas territorialidades implica apoiar iniciativas comunitárias nas áreas de educação intercultural, cultura, saúde e organização política, garantindo condições dignas de vida sem comprometer a conservação identitária.

A experiência dos Terena em Campo Grande demonstra que a cultura indígena urbana é resiliente e criativa, articulando memória, tradição e inovação em um processo contínuo de reconstrução identitária. A urbanização, nesse sentido, não representa necessariamente a perda da identidade étnica, mas a abertura de novas possibilidades para sua reafirmação.

Práticas culturais como rituais, festas coletivas, assembleias comunitárias e mobilizações políticas são adaptadas ao espaço urbano e continuam a desempenhar papel central na manutenção do pertencimento e da coesão social.

A migração para a cidade também produziu tensões internas e discursos de deslegitimação, expressos, por exemplo, no uso do termo “desaldeado”. Contudo,

esse processo possibilitou igualmente a criação de territórios simbólicos e redes de pertencimento que sustentam a continuidade da identidade terena.

A integração de práticas tradicionais a novas formas de expressão social e política revela a capacidade dos Terena de transformar a cidade em um território culturalmente significativo. Nesse contexto, a noção de “cultura com aspas” mostra-se fundamental para compreender como a identidade indígena é mobilizada de maneira estratégica, não como simples herança do passado, mas como instrumento ativo de resistência, reivindicação de direitos e atuação política no presente urbano.

Assim, a cidade deixa de ser apenas um espaço físico de residência e passa a configurar-se como território simbólico, político e cultural, no qual se estabelecem negociações permanentes entre tradição e modernidade. Confraternizações, rituais, encontros comunitários e redes de solidariedade são continuamente reinventados para responder às exigências da vida urbana, funcionando como mecanismos de coesão interna e visibilidade pública.

Nessa dinâmica, as fronteiras sociais, desempenham papel estratégico ao delimitar o pertencimento étnico em meio à intensa interação com a sociedade não indígena. Longe de se dissolver, a indianidade se reafirma por meio dessas fronteiras simbólicas, tornando-se visível no cotidiano urbano e garantindo a continuidade da identidade coletiva. A urbanização, portanto, deve ser compreendida não como fator de ruptura cultural, mas como oportunidade de atualização, expansão e fortalecimento da presença social e simbólica do povo Terena.

Dessa forma, a cultura étnica terena configura-se como um processo histórico, social e político em permanente transformação, construído no diálogo com o espaço urbano sem perda de suas referências centrais. A experiência dos Terena em Campo Grande comprova que a indianidade urbana é uma expressão viva e adaptativa da cultura, capaz de integrar tradições históricas a novas realidades e de produzir continuamente sentidos, práticas e formas de pertencimento que reafirmam a centralidade indígena na paisagem social, cultural e política da cidade.

REFERÊNCIAS

AMADO, Luiz Henrique Eloy. **Vukápanavo**: o despertar do povo Terena para os seus direitos: movimento indígena e confronto político. Rio de Janeiro: E-papers, 2020.

AUXILIADORA, Maria. Entrevista concedida a Sâmara Figueiredo. Campo Grande, MS, 20 set. 2025. Video (7 min 28 s). In: MORONI, Breno; UMAR, Thaís (Dir.). **Vemo'um – nossa voz**. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MlICqeOlw3c>. Acesso em: 20/10/2025.

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade: a explanação antropológica da construção da identidade. Tradução de Elcio do Carmo. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 185-227.

BRITO, Flávio. Dia do Índio é celebrado com música na Aldeia Marçal de Souza. **Capital News**, Cotidiano. Campo Grande, 19 abr. 2018. Disponível em: <https://www.capitalnews.com.br/cotidiano/dia-do-indio-e-celebrado-com-musica-na-aldeia-marcal-de-souza/316094>. Acesso em: 20/01/2026.

CAMPOS, Karina. **Pesquisa revela força de cacicas na liderança de sete aldeias indígenas de Campo Grande**. Mídia Max, Campo Grande, 2025. Disponível em: <https://midiamax.com.br/cotidiano/2025/pesquisa-revela-forca-cacicas-lideranca-oito-aldeias-indigenas-campo-grande/>. Acesso em: 10/01/2026.

CARDOSO, Wanderley Dias. O protagonismo terena na reconfiguração de sua história. In: SANTOS, Maria Cristina dos; FELIPPE, Guilherme Galhegos. **Protagonismo ameríndio de ontem e hoje**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016. p. 327-344.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Urbanização e tribalismo**: a integração dos índios Terena numa sociedade de classes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Do índio ao bugre**: o processo de assimilação dos Terêna. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.

COLMAN, Daniele G.; SOUZA, Gustavo dos Santos; VIEIRA, Carlos Magno Naglis. Os Terena no município de Campo Grande/MS: a migração indígena e resistência étnica. In: ALMEIDA, Flávio Aparecido de (org.). **Educação**: linguagem e sociedade em pesquisa. Guarujá, SP: Editora Científica Digital, 2023. v. 1, p. 153–165.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas** e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DIA do Índio é celebrado com música na Aldeia Marçal de Souza. Capital News, Campo Grande, 19 abr. 2018. Disponível em: <https://www.capitalnews.com.br/cotidiano/dia-do-indio-e-celebrado-com-musica-na->

[aldeia-marcas-de-souza/316094](#). Acesso em: 20 fev. 2026.

ESPÍNDOLA, Michely Aline Jorge. **Jovens terena na cidade de Campo Grande (MS): política e geração**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

FERNANDES JÚNIOR, José Resina. **Da aldeia para a cidade: permanência, mudanças e qualidade de vida de uma comunidade indígena em Campo Grande/MS**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco/ Universidade Complutense de Madri, Espanha, Campo Grande, MS, 2003.

FIGUEIREDO, Sâmara (apresent.). **Vêmo'um – nossa voz**. Campo Grande: Comunidade Terena Urbana Marçal de Souza, 2025. Documentário (série de entrevistas). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q81efZImD8M>. Acesso em: 10/12/2025.

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS (FUNAI). **Populações indígenas urbanas: desafios e políticas públicas**. Brasília: FUNAI, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai>. Acesso em: 11 nov. 2025.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais além do "cultura": espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antônio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 30-49.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: população indígena no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/brasil-indigena/>. Acesso em: 12/10/2025.

LIMA DA SILVA, Luiz Felipe Barros; MAURO, Victor Ferri. **Migrações Terena para a periferia de Campo Grande (MS): a manutenção de relações tradicionais de parentesco em contextos urbanos**. Revista Espacialidades, [S. l.], v. 15, n. 02, p. 162–187, 2020.

LIMA DA SILVA, Luiz Felipe Barros. **Mobilidade terena para assentamentos informais urbanos na periferia da cidade: processos de (re)territorialização da Comunidade Indígena do Jardim Inápolis em Campo Grande – MS**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022.

MUSSI, Vanderléia Paes Leite. **As estratégias de inserção dos índios Terena: da aldeia ao espaço urbano (1990-2005)**. 2006. 330 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2006.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de Buriti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

RAMIRES, Josias Jordão. Entrevista concedida a Sâmara Figueiredo. Campo Grande, MS, 7 out. 2025. Vídeo (13 min 08 s). In: MORONI, Breno; UMAR, Thaís (Dir.). **Vemo'um – nossa voz**. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TvvV5aov4s0>. Acesso em: 12/10/2025.

RODRIGUES, Giulia. Entrevista concedida a Sâmara Figueiredo. Campo Grande, MS, 23 out. 2025. Vídeo (13 min 47 s). In: MORONI, Breno; UMAR, Thaís (Dir.). **Vemo'um – nossa voz**. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CBLH1ygG3JU>. Acesso em: 12/10/2025.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I). **Mana: Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 41-73, abr. 1997.

SALVADOR, Mario Ney Rodrigues. **Urbanização e formas de resistência indígena na cidade de Campo Grande-MS**: industrialização, relações de trabalho e territorialização étnica. 2020. 155 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

SILVA, Jucimara da. Entrevista concedida a Sâmara Figueiredo. Campo Grande, MS, 24 ago. 2025. Vídeo (5 min 17 s). In: MORONI, Breno; UMAR, Thaís (Dir.). **Vemo'um – nossa voz**. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q81efZImD8M>. Acesso em: 12/01/2025.

TORRES, Thailla. **Aldeia Marçal de Souza começa a ganhar cores com intervenção artística**. Campo Grande News, Campo Grande, 08 abr. 2023. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/aldeia-marcal-de-souza-comeca-a-ganhar-cores-com-intervencao>. Acesso em: 10/12/2025.

VALENTIM, Danielle. **Memorial da Cultura Indígena recebe nome de Enir Terena, 1ª cacique mulher de MS**. Campo Grande News, Campo Grande, 18 mai. 2018. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/memorial-da-cultura-indigena-recebe-nome-de-enir-terena-1a-cacique-mulher-de-ms>. Acesso em: 10/12/2025.

VIETTA, Katya. “Valores” da cerâmica terena campo-grandense: Um silencioso patrimônio intangível. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 12, n. 24, p. 97-132, out. 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Encontros**. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.

XIMENES, Lenir Gomes. **Terra Indígena Buriti**: estratégias e performances terena na luta pela terra. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2011.